

Data: 02.08.2020

Titulo: Morreu um historiador incontornável do século XX

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Destaque

Pág: 1;26;27



## Morreu um historiador incontornável do século XX

**Joaquim Veríssimo Serrão (1925-2020)** A sua *História de Portugal* é a obra mais emblemática **p26/27**



Área: 1301cm² / 46%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6910009



# Um historiador incontornável no século XX português

**Joaquim Veríssimo Serrão (1925-2020)** Enquanto historiador e professor, foi um vulto, ainda que não consensual, da cultura portuguesa. Morreu esta sexta-feira, com 95 anos, e deixa uma obra vastíssima

## Obituário Mário Lopes

A sua *História de Portugal*, obra dividida em 19 volumes a que se dedicou, em labor solitário, entre o final da década de 70 e 2011, será a mais célebre que assinou e aquela que mais vezes se citará no momento em que sabemos da sua morte. Trata-se, porém, apenas de uma componente do legado que nos deixa o historiador Joaquim Veríssimo Serrão, que morreu sexta-feira à noite, aos 95 anos, num lar em Santarém.

“Vulto maior da cultura nacional do século XX”. Determinante enquanto “formador de uma geração de historiadores” nos anos 60 e 70. Investigador que “tocou temas inéditos” e que “levantou e registou imensas fontes desconhecidas”. Assim se referem a Joaquim Veríssimo Serrão os historiadores Luís Carlos Amaral, João Paulo Oliveira e Costa e Nuno Gonçalo Monteiro, ouvidos pelo PÚBLICO.

A morte foi confirmada este sábado à Lusa pelo filho, o historiador de Arte Vítor Serrão. “O meu pai, que estava doente há vários anos, foi um eminente historiador, pedagogo, investigador e académico que deixa uma obra monumental, como a *História de Portugal* da Editorial Verbo, que contribuiu para renovar a historiografia em Portugal e a formar muitos jovens investigadores”, afirmou.

A ministra da Cultura, Graça Fonseca, destacou em comunicado o seu impacto “inestimável” na historiografia e cultura portuguesas, enquanto o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, elogiou um “amigo de muitos anos”, que “deixou inúmeros discípulos, em particular na Academia Portuguesa de História, de que foi presidente [entre 1975 e 2006]”.

Segundo Vítor Serrão, o legado que fica da obra do pai, “além da abundante bibliografia, é, justamente, a marca pedagógica”. Joaquim Veríssimo Serrão “formou uma quantidade de alunos, incluindo futuros investigadores, arquivistas, gente ligada à cultura”, conta o seu filho.

Luís Carlos Amaral, professor de História Medieval na Faculdade de Letras do Porto, não foi aluno de Veríssimo Serrão, mas recorda a oportunidade que teve de contactar com um orador “extraordinário”: “Era barroco, gongórico, mas tinha uma palavra arrebatadora, mesmo reconhecendo que, se falasse hoje para um grupo de jovens universitários, eles sairiam da sala. Mas isso porque lembrava mais o padre António Vieira do que os oradores actuais”.

Apesar de associado ao Estado Novo e a uma certa visão nacionalista da história portuguesa – mantinha uma forte amizade com Marcello Caetano e foi reitor da Universidade de Lisboa durante

o período imediatamente anterior ao 25 de Abril, marcado por protestos estudantis e pela resposta musculada do regime, sendo saneado após a Revolução –, não devemos tomar tais factos como totalizante quando abordamos a sua obra e percurso.

João Paulo Oliveira e Costa, professor catedrático no departamento de História da FCSH/UNL, é peremptório: “Não creio que na obra se reflecta o seu ideal político. Era um historiador sério que foi fiel à sua maneira de ver o mundo.” Nuno Gonçalo Monteiro, investigador coordenador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, ainda que descreva Veríssimo Serrão como um “historiador de uma escola antiga muito marcada por um forte nacionalismo historiográfico”, reconhece-lhe o trabalho de investigador que permitiu o contacto com inúmeras fontes desconhecidas.

Nuno Gonçalo Monteiro considera, por exemplo, “extraordinário” o levantamento dos debates de 1580, centrados na questão da sucessão da coroa portuguesa, e tem como “fonte inestimável” o relatório do embaixador diplomático francês, de 1684, sobre o afastamento de Afonso VI e ascensão ao trono de D. Pedro II. Destaca ainda a biografia dedicada ao marquês de Pombal (*Marquês de Pombal: o Homem, o Diplomata e o Estadista*, editada em 1982). “Não sendo importante em

termos de rasgos interpretativos, tem um levantamento bastante sistemático das fontes da Biblioteca Nacional” que se revelaria “bastante útil” quando Nuno Gonçalo Monteiro se dedicou à mesma figura histórica.

### Trabalhos pioneiros

Luís Carlos Amaral vê em Joaquim Veríssimo Serrão, acima de tudo, “um grande historiador”, autor de uma “obra notável” – “e não é apenas uma questão de extensão”, acentua. “Apesar de estar muito distante da sua visão, não diria nacionalista, mas nacional, de ver a história portuguesa, é incontornável no Portugal da segunda metade do século XX”. Refere como exemplos do seu trabalho, “de um rigor exemplar”, a “espantosa revelação que é a sua tese de doutoramento sobre o prior do Crato (1531-1595)”, ou “os trabalhos pioneiros sobre a presença de estudantes portugueses nas universidades francesas no período moderno”. Elogia a “grande perspicácia”, aprimorada pelas “grandes virtudes da escola mais antiga, solidamente apoiada em investigações arquivísticas e documentais”. Qualidades, acrescenta, que contribuíram para um protagonismo internacional raro na época. “Obteve grande visibilidade externa e, na altura, contam-se pelos dedos de uma mão os historiadores portugueses reputados no exterior”.

### Polémico e profícuo

Joaquim Veríssimo Serrão nasceu em Tremês, no Ribatejo, em 8 de Julho de 1925, e deixa dois filhos, Vítor e Adriana, ambos docentes na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Assinou uma vasta obra historiográfica, na qual avulta habitualmente a sua História de Portugal, em 19 volumes, que terminou em 2011. Uma obra monumental em dimensão e labor, mas que não reúne consenso entre os historiadores ouvidos pelo PÚBLICO.

João Paulo Oliveira e Costa defende-a. “Independentemente de se criticar a metodologia, que





era a do tempo, é um fresco que, durante algumas décadas, foi a melhor forma de olhar para o país”. Nuno Gonçalo Monteiro olha-a como uma obra “com interpretações fortemente nacionalistas e datadas”, mas, destaca novamente, com “uma grande biografia de levantamento de fontes”.

O foco da investigação histórica de Veríssimo Serrão foi a participação dos humanistas portugueses na cultura europeia do século XVI, a história local, com particular atenção por Santarém, concelho de onde era natural, a formação do Brasil, a questão epistemológica da historiografia portuguesa e alguns personagens que se destacaram na vida política portuguesa nas últimas décadas do Antigo Regime (século XVIII) e o início do Liberalismo (século XIX).

Licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 1948. Um ano antes, dera à estampa *Ensaio Histórico sobre o Significado da Tomada de Santarém aos Mouros em 1147*, e estreia-se, em 1948, como conferencista, apresentando *A Mundividência na Poesia de Guilherme de Azevedo*.

Em 1950 partiu para Toulouse, no Sudoeste de França, onde foi leitor de Cultura Portuguesa da universidade local. Durante este período contactou com lusitanistas como Paul Teyssier, León Bourdon e Jean Roche. Durante esta estada publicou *A Infanta D. Maria (1521-1570) e a sua Fortuna no Sul da França* e dá a conhecer investigações sobre António de Gouveia, Francisco Sanches, Diogo de Teive, Manuel Álvares e outros letrados portugueses que frequentaram aquela universidade.

Em 1957 defendeu a supracitada tese de doutoramento na Universidade de Coimbra, intitulada *O Reinado de D. António Prior do Crato: 1580-88*, e iniciou funções docentes na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Na década seguinte, o historiador foi particularmente profícuo: além de dar aulas e conferências, publicou trabalhos

sobre humanistas portugueses nas universidades de Salamanca, Montpellier e Toulouse, as relações externas entre Portugal e as cortes europeias no século XVI, o Brasil colonial (séculos XVI e XVII) e a crise dinástica de finais do século XVI. Fez parte do grupo de colaboradores da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* e do *Dicionário da História de Portugal*, dirigido por Joel Serrão, onde assinou dezenas de entradas.

Entre 1967 e 1972, suspendeu a actividade docente, por ter sido nomeado director do Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris. Nestas funções destacou-se na divulgação dos estudos portugueses, tendo, entre outros títulos, publicado *Arquivos do Centro Cultural Português*. João Paulo Oliveira destaca a sua “importância” na “consolidação de uma instituição-farol da cultura portuguesa em França”.

Em 1973, regressou a Portugal e ocupou a cátedra de História na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, da qual foi reitor até 1974, tendo sido saneado após o 25 de Abril. “O período anterior ao 25 de Abril é marcado por grandes tensões, com acções policiais na Faculdade de Letras”, recorda Nuno Gonçalo Monteiro. “Vivia-se uma verdadeira guerra civil e ele, enquanto reitor, ficou muito associado a tudo aquilo”.

Pouco depois, o historiador deu testemunho da sua amizade a Marcello Caetano, último presidente do Conselho de Ministros do regime corporativista, publicando *Confidências no Exílio* (1985) e *Correspondência com Marcello Caetano 1974-1980* (1994). O período pós-revolucionário marcá-lo-ia inevitavelmente. “Ficou mais marcado pela amizade pessoal ao prof. Marcello Caetano, mas essa marca é mais preconceito do que realidade. O seu trabalho não está vinculado a um regime”, considera João Paulo Oliveira e Costa.

Luís Carlos Amaral oferece a sua leitura pessoal. “Não estou a fazer juízos de valor, mas ele foi crucificado, foi saneado. É uma interpretação minha, mais julgo



que isso o levou a ter reacções muito violentas quando regressou [à Faculdade de Letras], o que foi visto como um desaforo, dado ele ser visto como um 'ultra' do regime, que não era de maneira nenhuma. Era um homem que não recusava o confronto. Estavam reunidas todas as condições para um conflito aberto e ele entrincheirou-se muito. Era um homem polémico", afirma, completando de seguida, "como o são todos os homens grandes". Esse, diz, "é o melhor elogio que se lhe pode fazer": "Disse muita coisa certa e também fez muitas asneiras. Isso quer apenas dizer que viveu a sua época e quis intervir nela".

Joaquim Veríssimo Serrão foi sócio de mérito, membro honorário e correspondente de inúmeras sociedades científicas, portuguesas e estrangeiras, tendo recebido diferentes distinções, condecorações e prémios, bem como doutoramentos *honoris causa* por universidades francesas, espanholas e portuguesas.

Recebeu os prémios Alexandre Herculano (1954), D. João II (1965) e Príncipe das Astúrias de Ciências Sociais (1995), entre outros. Em 2006 foi agraciado pelo então Presidente da República Cavaco Silva com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada.

O funeral de Joaquim Veríssimo Serrão realiza-se segunda-feira, na

igreja da Piedade de Santarém, às 11h30. Será reservado a familiares, devido às regras em vigor devido à pandemia de covid-19. O velório irá decorrer a partir das 9h30, com missa de corpo presente às 10h.

mario.lopes@publico.pt



**Era barroco, gongórico, mas tinha uma palavra arrebatadora, mesmo reconhecendo que, se falasse hoje para um grupo de jovens universitários, eles sairiam da sala. Mas isso porque lembrava mais o padre António Vieira do que os oradores actuais**

**Luís Carlos Amaral**

Professor de História Medieval na

Faculdade de Letras do Porto

**Ficou mais marcado pela amizade pessoal ao prof. Marcello Caetano, mas essa marca é mais preconceito do que realidade. O seu trabalho não está vinculado a um regime**

**João Paulo Oliveira e Costa**

Professor catedrático no departamento de História da FCSH/UNL

**Não creio que na obra se reflecta o seu ideal político. Era um historiador sério que foi fiel à sua maneira de ver o mundo**

**Nuno Gonçalo Monteiro**

Investigador coordenador do ICS da Universidade de Lisboa

